

AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE HENRI WALLON PARA A EDUCAÇÃO

Letícia Alexandra de Assis¹
Guilherme Saramago de Oliveira²
Anderson Oramisio Santos³

O estudo da criança exigiria o estudo dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a este e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo (WALLON, 1989, p.189).

Resumo

Este artigo objetiva analisar a teoria walloniana e suas contribuições para o contexto educacional. Para a elaboração deste artigo foi utilizado como procedimento metodológico uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base nas obras de Henri Wallon e seus interpretadores. O artigo apresenta um breve histórico sobre a vida acadêmica de Henri Wallon. Analisa a teoria psicogenética do desenvolvimento da criança em seus aspectos biológico, afetivo, social e intelectual. Aborda sobre os estágios do desenvolvimento da criança, e aponta as contribuições da teoria de Wallon para a educação. Através do presente estudo foi possível concluir que as contribuições de Wallon foram significativas tanto para a pedagogia, como para a psicologia e a medicina, uma vez que estuda o desenvolvimento da criança em sua totalidade.

Palavras-Chave: Educação. Henri Wallon. Teoria Psicogenética.

Abstract

This article aims to analyze the walloniana theory and its contributions to the educational context. For the elaboration of this article, a bibliographic research was used as a methodological procedure, based on the works of Henri Wallon and his interpreters. The article presents a brief history of the academic life of Henri Wallon. It analyzes the psychogenetic theory of child development in its biological, affective, social and intellectual aspects. It approaches the stages of child development, and points out the contributions of Wallon's theory to education. Through the present study, it was possible to conclude that Wallon's contributions were significant for pedagogy, psychology and medicine, whereas he studies the child's development in its totality.

Keywords: Education. Henri Wallon. Psychogenetic Theory.

¹Mestranda. Universidade Federal de Uberlândia.

²Doutor. Professor da Universidade Federal de Uberlândia.

³Doutor. Professor da Universidade Federal de Jataí.

1. Introdução

Henri Wallon foi um psicólogo, filósofo, médico e político francês, que se tornou conhecido por seu trabalho científico sobre a Psicologia do Desenvolvimento. Sua trajetória acadêmica revela sua formação em filosofia, medicina e psiquiatria, que retratam seu interesse pela psicologia.

Wallon se destaca também com obras e atividades voltadas para a educação. O Projeto Langevim-Wallon foi uma proposta construída juntamente com o físico Langevim e outros educadores para a reforma do sistema educacional francês após a Segunda Grande Guerra (1947).

Sua teoria possibilita compreender a pessoa em sua totalidade. Nela, Wallon propõe que o desenvolvimento da criança seja estudado de forma integral, onde abrange as partes afetivas, cognitivas e motoras. Assim, Wallon reconhece a importância da cognição, mas também caracteriza a motricidade e a afetividade relevantes no desenvolvimento humano.

Na psicologia de Wallon, o desenvolvimento cognitivo da criança está alicerçado nos Campos Funcionais, que são categorias de atividades cognitivas. Na concepção de Wallon os quatro Campos Funcionais são: Movimento (um dos primeiros a se desenvolver, e é o que dá apoio aos outros campos); Afetividade (fase mais primitiva do desenvolvimento, a qual antecede a cognição); Inteligência (vinculada a fatores biológicos e sociais); Pessoa (campo funcional que gerencia os outros). Apesar de distingui-los, é importante ressaltar que Wallon trabalha com a ideia de integração funcional desses campos, pois eles são complementares e atuam de forma integral (DAUTRO; LIMA, 2018).

De acordo com Mahoney e Almeida (2010) os estudos de Wallon estabelecem cinco estágios de desenvolvimento da criança, que são: Impulsivo Emocional (0 a 1 ano), a criança expressa sua afetividade através de movimentos desordenados; Sensório-motor e Projetivo (1 a 3 anos), a criança já possui coordenação motora e manipula objetos; Personalismo (3 a 6 anos), nesse estágio há o desenvolvimento da construção da consciência de si; Categorical (6 a 11 anos), a criança já realiza atividades de agrupamento e classificação em vários níveis; Puberdade e Adolescência (11 anos em diante), o jovem procede a exploração de si mesmo, como entidade autônoma.

O presente artigo, que se trata de uma pesquisa bibliográfica, pretende conhecer o teórico Henri Wallon e suas principais ideias acerca do desenvolvimento da criança, em seus aspectos biológico, afetivo, social e intelectual. O estudo objetiva também compreender e refletir sobre as principais contribuições da teoria Walloniana para a educação.

2. Breve histórico acadêmico de Henri Wallon

Henri Paul Hyacinthe Wallon nasceu em Paris, na França, em 15 de junho de 1879. Sua vida acadêmica foi intensa e traçada em interesses pela ciência, principalmente pela psicologia. Homem íntegro, com uma trajetória marcada por grandes acontecimentos em sua época, buscou agregar a atividade científica à ação social. Antes de chegar à psicologia, passou pela filosofia e medicina, num caminho marcante para formulação de sua teoria, a qual demonstra que a vida psíquica é uma consequência da interação da pessoa com o meio (GALVÃO, 1995).

Em 1899, Wallon ingressou na Escola Normal Superior e licenciou-se em Filosofia no ano de 1902. Nesse mesmo ano, com 23 anos, iniciou sua vida profissional no Liceu Bar-Le-Duc, onde lecionava filosofia. Entre os anos de 1903 a 1908, estudou medicina em Paris na tradição médico-filosófica da psicologia Francesa (OLIVEIRA, 2004).

Em 1908, Wallon foi preso por participar de uma ação militante de contestação à violência governamental.

Em 1909, defendeu sua tese *Délire de persécution: Le délire chronique à base d'interprétation* "Delírios de perseguição: O delírio crônico baseado na interpretação".

Entre os anos de 1908 a 1914, Wallon trabalhou em instituições psiquiátricas francesas e se dedicou à psiquiatria infantil, com destaque nas áreas de anomalias motoras e mentais (DAUTRO; LIMA, 2018).

Em 1914, Wallon estagiou como médico sob a orientação do Dr. Nageotti, com quem trabalhou por mais de vinte anos. Naujorks (2012) destaca que Wallon se consagrou nesse ano, onde executava sua prática médica sob assistência do renomado médico, inicialmente em Bicêtre e logo após em Salpêtrière, na França. Assim, suas pesquisas sobre o sistema nervoso sugeriram novas investigações, devido à variedade de casos atendidos por ele.

De 1914 a 1918, Wallon trabalhou como médico do exército francês, na Primeira Guerra Mundial. Nesse período, dedicou-se ao tratamento de feridos de guerra e teve a oportunidade de estabelecer relações entre o manifesto psíquico e o orgânico nas pessoas lesionadas. Teve a oportunidade também de repensar algumas percepções que havia estruturado quando atendia crianças com anomalias motoras e mentais (OLIVEIRA, 2004).

Em 1919, devido ao vasto conhecimento e profundo interesse na área de psicologia, Wallon foi convidado para palestrar sobre a psicologia da criança na Universidade de Sobornne, onde ministrou cursos e conferências sobre a Psicologia da Criança, entre os anos de 1920 a 1937 (DAUTRO; LIMA, 2018).

AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE HENRI WALLON

Em 1925, em Alcan, Wallon conclui sua tese de doutorado em Letras, intitulada *L'enfanteturbulent* “A criança turbulenta”. Nesse mesmo ano, foi destaque também o Laboratório de psicologia da Criança em Boulougne-Billancourt, fundado por Henri Wallon, onde trabalhou até 1939 com atendimentos e pesquisas às crianças da classe proletária. Com os resultados dessas pesquisas foi possível fundamentar seus estudos sobre a evolução do pensamento da criança (ZAZZO, 1975).

Em 1927, Wallon foi nomeado diretor de estudos na escola Prática de Altos Estudos, incorporada ao laboratório, e nomeado como presidente da Sociedade Francesa de Psicologia.

Em 1929, foi um dos criadores do Instituto de Psicologia de Paris e fundou em parceria com seu amigo Henri Piéron o Instituto Nacional de Estudo do Trabalho e de Orientação Profissional, onde atuou como professor.

Entre os anos de 1929 a 1949, Wallon foi membro do Conselho Diretivo do Instituto de Psicologia da Universidade de Paris (OLIVEIRA, 2004).

Em 1937, Wallon foi o primeiro a ocupar a cadeira consagrada à Psicologia e à Educação da Criança, criada por Henri Piéron, no Colégio da França.

Na Segunda Guerra Mundial (1941 a 1944), Wallon atuou na Resistência Francesa, no movimento que mobilizou os opositores ao fascismo invasor. Perseguido pelo governo fascista de Vichy, em 1941 viveu na clandestinidade e foi forçado a parar com suas atividades acadêmicas. Mesmo clandestinamente, continuou suas pesquisas e chegou a publicar nesse período o livro *Do ato ao Pensamento* (GALVÃO, 1995).

Estudioso do Marxismo, no ano de 1942 se filiou ao Partido Comunista, o qual manteve a ligação até o fim de sua vida. Em 1944, com a Resistência Francesa no poder do Ministério, a Frente Nacional Libertadora indicou Wallon ao Ministério Geral Nacional.

Wallon foi integrado à Comissão Ministerial para reformular o sistema de ensino francês. O físico Paul Langevim foi inicialmente designado Presidente da Comissão, e após sua morte, Henri Wallon assumiu a presidência da Comissão. Em 1947, o plano elaborado pela Comissão se tornou conhecido como o plano “Langevim-Wallon”. O projeto priorizava o ajustamento da educação às necessidades sociais da época e tinha como objetivo garantir igualdade no sistema educativo francês. Outra característica do projeto era favorecer as aptidões individuais e a formação do cidadão. Apesar de ser um documento de renovação democrática para o sistema de ensino, o projeto não foi colocado em prática (OLIVEIRA, 2004).

Em 1948, Wallon funda a Revista de psicologia infantil “Revista *Enface*”, que traz relevantes informações sobre as crianças, nas áreas de psicologia, pedagogia, neorpsiquiatria e sociologia (DAUTRO; LIMA, 2018).

Em 1949, Wallon decide se aposentar, mas continua suas atividades no Laboratório de Psicologia da Criança. Em 1953, após sofrer um acidente que o impossibilitou de se locomover, Wallon continuou suas atividades em sua residência.

Em 1962, Wallon faleceu em Paris, ano que preparava seu último artigo intitulado “*Mémoire et raisonnement*”, para publicação na Revista *Enface* (OLIVEIRA, 2004).

3. Henri Wallon e a teoria psicogenética do desenvolvimento da criança

A teoria walloniana tem como princípio o estudo do desenvolvimento da pessoa de forma integral, em seus aspectos biológico, afetivo, social e intelectual. O intuito de Wallon era compreender como o psíquico da criança se desenvolvia e, para isso, seus estudos se voltaram para o desenvolvimento da pessoa por completo e não em aspectos particulares. Desse modo, a teoria psicogenética de Wallon tem como foco a integração entre as dimensões cognitivas, afetivas e motoras, com o meio em que os indivíduos estão inseridos.

Nesse sentido, Wallon considera o homem um ser inseparavelmente biológico e social, que vive a partir das exigências do organismo e da sociedade. Assim sendo, o estudo do psiquismo não deve descartar nenhum desses fatores, muito menos tratá-los de forma independente. Para ele, a psicologia precisa unir o orgânico e o psíquico, para constituir-se como ciência (GALVÃO, 1995).

A teoria de Wallon expressa que o desenvolvimento da criança surge da interação genética com os fatores ambientais, ou seja, no encontro das circunstâncias orgânicas (possibilidades internas) e as condições do cotidiano (adaptação do meio) em que está inserido na sociedade de determinada época (MAHONEY, 2004).

Mahoney e Almeida (2010) complementam que a teoria aborda os fatores biológicos e sociais para constituir as condições que manifesta as atividades de cada estágio. A interação entre esses fatores é que determina as capacidades e os limites das características de cada estágio, de acordo com a existência social de cada época.

Nas palavras de Wallon “As necessidades do organismo e as exigências sociais são os dois pólos entre os quais se manifesta a atividade do homem” (WALLON, 1975, p. 109). Afirma também que “A existência do homem se manifesta entre as exigências do seu organismo, que lhe são comuns juntamente com outras espécies, e as da sociedade, que são específicas da sua espécie” (WALLON, 1975, p. 110). Nesse sentido, o foco da teoria

AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE HENRI WALLON

walloniana é a relação do homem com o meio, e essa relação é uma constante transformação para constituir-se como pessoa.

Segundo Mahoney (2004) a teoria do desenvolvimento de Wallon expressa princípios, conceitos e orientações, como instrumentos para auxiliar o pensamento sobre o processo de construção da pessoa, ao passo, que as crianças crescem e seguem as tendências dos adultos inseridos na cultura em que vivem. A teoria walloniana esclarece que a infância é um período com características próprias, das quais a função principal é a constituição do adulto. Assim sendo, a constituição do adulto, depende que a sociedade crie condições para investigação completa da criança.

Para estudar o ser humano e seu psiquismo, Wallon buscou como base de sua teoria o materialismo dialético. De acordo com Wallon (1975),

O materialismo dialético é, pois, capaz de exercer a sua influência em psicologia tanto prática quanto teórica. Não há aliás uma inovação total. Ele coordena pontos de vista que as diferentes doutrinas filosóficas apresentam, cada uma delas, sob forma exclusiva e absoluta. É favorável ao organismo, mas não sob a sua forma unilateral e mecanicista do materialismo tradicional. É como idealismo, favorável à especificidade do psiquismo, mas na condição de não o substituir à realidade das coisas (WALLON, 1975, p. 188).

Nessa perspectiva, o materialismo dialético é capaz de deter a realidade em suas constantes mutações e transformações. Esse método consiste em estudar o desenvolvimento da criança nas condições tanto orgânicas quanto sociais. Considera que a natureza não é uma acumulação de objetos e explica também que nenhum evento pode ser entendido se for encarado isoladamente (NAUJORKS, 2012).

Faria (2015) corrobora com Naujorks (2012) ao salientar que essa epistemologia sugere o entendimento do desenvolvimento humano também como um processo dialético, marcado por interrupções e crises. Ainda amparado nas contribuições do materialismo dialético, Faria (2015) observa que Wallon reconhece que o homem, desde seu nascimento, é orientado por uma necessidade de convívio com o próximo.

Galvão (1995) relata que o trabalho do psicólogo Henri Wallon se voltou cada vez mais para a educação. Ao estudar a criança, Wallon pôde conhecer o psiquismo humano e interessou-se pela infância como um problema real, sobre o qual se engajou com bastante atenção e entusiasmo.

Na visão da autora supracitada, Wallon acreditava que entre a psicologia e a pedagogia, deveria haver uma relação de contribuição mútua. Para Wallon, a escola era um ambiente privilegiado para o estudo da criança. Assim, via a pedagogia como um campo de

observação para a psicologia, e também como questões para investigação. E a psicologia, por sua vez, através dos conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, oferecia relevantes ferramentas para o aperfeiçoamento da prática pedagógica.

Pode-se concluir que a teoria walloniana é um acontecimento biológico e social, cada etapa do desenvolvimento psíquico revela um resultado das experiências vividas pelo meio. Para Wallon, desde que a criança nasce ela é um ser biológico e social, indissociavelmente e complementares para o seu desenvolvimento. Assim sendo, as condições biológicas são necessárias para viver em sociedade, e o meio social é fundamental para o desenvolvimento das capacidades orgânicas.

4. Campos funcionais

Ao buscar o entendimento na perspectiva da pessoa completa, a teoria walloniana identifica alguns campos que unificam a diversidade das funções psíquicas. A afetividade, o ato motor, a inteligência, a pessoa, são campos funcionais, entre os quais se distribui a atividade infantil e dá origem à pessoa “completa”. Apesar de esses campos funcionais apresentarem aspectos diferenciados, estão integralmente ligados uns aos outros e se complementam (GALVÃO, 1995).

O movimento é o primeiro campo a se desenvolver e dá suporte para o desenvolvimento de todos os outros. De acordo Wallon (1968, p.156) “O movimento já começa na vida fetal”. Santos e Lima (2009) esclarece que o conjunto motor possibilita o deslocamento no tempo e no espaço. A postura garante o equilíbrio do corpo, como também, apoio para que as emoções se exteriorizem.

A afetividade é o ponto central na psicogenética de Wallon, tanto para a construção da pessoa quanto para o conhecimento, pois os dois se iniciam no primeiro estágio, durante o primeiro ano de vida, e se estende por toda a vida. Inicialmente a afetividade está ligada a manifestações fisiológicas da emoção, que é o ponto inicial para o psiquismo. Wallon considera a emoção essencialmente social, pois ela fornece o primeiro vínculo entre os seres da espécie (DANTAS, 1992).

Para Wallon, a afetividade estabelece a relação entre o biológico, o social e o psicológico. Na visão de Cerisara (1997) a emoção rompe as diferenças da psicologia clássica entre razão e emoção. Assim, a ideia da pessoa completa, deve manifestar tanto a inteligência, quanto as emoções. A autora ressalta ainda que a emoção está diretamente ligada ao movimento, e é por meio dele que as transformações emocionais se revelam.

AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE HENRI WALLON

A emoção é um sentimento que se manifesta na vida afetiva. É comum ouvir que emoção e afetividade são palavras sinônimas, porém não são. As emoções possuem características próprias, sempre acompanhadas de alterações orgânicas, visíveis corporalmente. Já a afetividade é mais permanente e abrangente, onde se incluem várias manifestações (GALVÃO, 1995).

A inteligência está ligada a fatores biológicos e sociais. O biológico porque está ligado às emoções e os fatores sociais porque está ligado a dois aspectos: o sistema de símbolos e a linguagem, os quais são desenvolvidos integralmente para possibilitar a aquisição do indivíduo (DAUTRO; LIMA, 2018).

A dimensão cognitiva oferece um conjunto de funções que permite a aquisição e a manutenção do conhecimento. Santana (2010) ressalta que a inteligência varia entre as crianças, pois cada uma tem seu tempo de desenvolvimento, bem como, a relação com o meio. É através dos conflitos que a criança amplia seu pensamento, que aliado ao conhecimento e à cultura conseguirá fazer as diferenciações do meio em que vive.

A pessoa é um campo funcional que representa a integração de todas as dimensões alcançadas. É um campo que sistematiza todos os outros, com a responsabilidade pelo desenvolvimento da consciência e da identidade do eu. Wallon (1968) acentua que “Ao longo do desenvolvimento da criança, a sua pessoa vai-se também formando, e as transformações, frequentemente desconhecidas que sofre têm, pelo contrário, uma importância e um ritmo acentuados” (WALLON, 1968, p. 215).

Para Wallon os campos funcionais organizam atividades intelectuais que constituem as etapas da evolução psíquica, os quais são importantes para o desenvolvimento das fases posteriores. Para ele, esses quatro campos nem sempre são harmônicos, porém são inseparáveis.

5. Estágios do desenvolvimento da criança segundo Henri Wallon

De acordo com Wallon o desenvolvimento humano é marcado por estágios. Segundo Wallon (2008),

O que distingue os estágios entre si é um estilo particular de comportamento. Sem dúvida sua sucessão é tão rápida nas primeiras etapas da infância que nos confins entre um estágio e outro pode haver intrincamento mútuo e frequentemente também alternância (WALLON, 2008, p. 119).

Cada estágio predomina interesses e atividades de acordo com a faixa etária de cada período, e só conseguem seu significado dentro da sequência temporal, visto que, cada

estágio é preparado pelas atividades do estágio anterior e desenvolve atividades que preparará para o desenvolvimento do próximo (MAHONEY; ALMEIDA, 2010).

Galvão (1995) esclarece que os fatores orgânicos são responsáveis pela sequência fixa que se estabelece entre os estágios do desenvolvimento, mas não garantem homogeneidade em seu tempo de duração, pois podem ter seus efeitos alterados pelas circunstâncias sociais. Por esse motivo, a duração e o tempo de cada estágio são variáveis, a depender das condições existentes e das características individuais.

Inicialmente os estágios possuem características biológicas e gradativamente interagem com o meio social. A influência do meio social torna decisiva a aquisição de condutas psicológicas como a inteligência simbólica. A cultura e a linguagem são fornecedoras de instrumentos para a evolução (GALVÃO, 1995).

Cada estágio ressaltado é considerado importante em si e, quanto melhor vivenciado, contribuirá para o estágio posterior. Assim, Wallon denominou os estágios, sendo os seguintes: Estágio Impulsivo-Emocional, Estágio Sensorio-Motor e Projetivo, Estágio do Personalismo, Estágio Categorical e Estágio da Puberdade e da Adolescência, os quais serão abordados a seguir.

5.1 Estágio Impulsivo Emocional

O primeiro estágio corresponde ao período do nascimento até um ano de vida da criança, o qual a criança iniciará a construção de sua identidade na interação com os próximos. Nesse primeiro período, as crianças iniciam suas vidas imersas na sociedade que as rodeiam, em uma situação de total dependência do meio social. Essa situação vivida pela criança constitui um período sem delimitação entre o eu e o outro, um estado de não separação entre a situação exterior e a situação do próprio sujeito (DUARTE; GULASSA, 2010).

O Estágio “Impulsivo Emocional” é abarcado por dois momentos: a impulsividade motora, que se dá do nascimento até em torno dos três meses e o emocional, que ocorre dos três meses até os doze meses, aproximadamente.

Segundo Dantas (1992), o estágio da impulsividade motora é caracterizado por uma etapa que a criança manifesta suas atividades apenas por reflexos e movimentos impulsivos. Quando a criança nasce sua motricidade disponível consiste apenas em movimentos desordenados, porém a partir deles os movimentos vão evoluir de forma expressiva.

AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE HENRI WALLON

De acordo com Wallon (2008, p.120). “A marca psíquica do comportamento, neste período, é de uma fusão com o ambiente humano do qual a criança depende então totalmente, por ser incapaz de prover sozinha às suas necessidades mais elementares”.

Como a criança nesse período não possui outro recurso para manifestar suas sensações de bem ou mal estar, a impulsividade motora é um recurso para contato inicial com os outros. Os gestos não intencionais das crianças nesse período têm uma significação no meio social, as quais resultam em respostas desejáveis (DUARTE; GULASSA, 2010).

De acordo com Faria (2015), o segundo momento denominado por emocional tem como principal característica a transformação da impulsividade motora em comunicação. As descargas motoras se traduzem em sinais que estabelecem entre a criança e o adulto uma reciprocidade mútua.

Essas trocas entre ambos criam um campo emocional, onde os gestos e atitudes vão ser compreendidos e atendidos gradualmente, de tal maneira que podem ser discriminadas. Wallon (2008, p. 119) revela que “A criança demonstra, desde as primeiras semanas, uma sensibilidade afetiva cujas manifestações se organizam gradualmente, de maneira a realizar, por volta dos seis meses de idade, todo o sistema de emoções essenciais”.

Essa é a primeira forma de sociabilidade, cria-se um verdadeiro meio de comunicação entre a criança e o meio em que a troca inicialmente é puramente afetiva sem relação intelectual. No início a afetividade é somente a emoção e depende da interação e das respostas dos outros. Segundo Wallon, é a ausência da cognição que faz a emoção ser um mecanismo de comunicação e sobrevivência para mobilizar o ambiente e as necessidades serem atendidas (DUARTE; GULASSA, 2010).

5.2 Estágio Sensório-Motor e Projetivo

Esse estágio que é compreendido entre um a três anos de idade é dividido em dois períodos: o primeiro chamado de Sensório-Motor e o segundo é denominado Projetivo. Segundo Costa (2010) enquanto o estágio anterior predomina um caráter afetivo, nesse período prevalece a investigação do meio e o início da representação.

No Estágio Sensório-Motor observa-se o domínio das atividades de exploração do mundo físico. As atividades sensório-motoras são agora movimentos de exploração objetiva que a criança realiza por meio de objetos e também reconhecimento do seu próprio corpo (COSTA, 2010).

No Estágio Projetivo predomina o funcionamento mental da criança. Wallon (2008, p.121) salienta que “[...] é sempre a ação motora que regula a aparição e o desenvolvimento

das formações mentais. Não se trata mais de organizar o aparelho das investigações sensório-motoras, mas de já misturar o ato à realidade exterior”.

Para Costa (2010), nesse estágio o pensamento da criança ainda está no início, dessa forma, precisa dos gestos para se expressar. No entanto, o gesto antecede as palavras, ela não consegue imaginar sem representar. Nesse período a percepção que tem das coisas e do meio ampliam-se e aos poucos consegue elaborar seu pensamento. Se antes a presença de objetos era necessária para identificar sua existência, agora consegue localizá-los e distribuí-los nos espaços.

5.3 Estágio do Personalismo

O estágio do Personalismo que vai dos três até os seis anos de idade, está voltado para a construção da personalidade. A consciência corporal e a capacidade simbólica adquirida durante o estágio anterior são fundamentais para a constituição da pessoa. Galvão (1995) considera que o conhecimento de si acontece por meio da interação social que direciona o interesse das crianças para as pessoas, onde predominam as relações afetivas.

O estágio do Personalismo é marcado por três fases diferentes: oposição, sedução e imitação.

Por volta dos três anos, a criança manifesta comportamento de oposição ao outro sem motivo aparente. Em busca de afirmação de si, nessa fase a criança inicia a diferenciação em relação ao outro. Essa distinção do eu e o outro pode ser observada inicialmente através da disputa por objetos, onde a criança expressa o que é dela e do outro (BASTOS; DÉR, 2010).

Depois da fase de oposição aparece a fase da sedução, também conhecida como “idade da graça”. Essa fase é caracterizada pela necessidade de ser admirada e chamar a atenção de todos a sua volta. Nessa fase, a criança reconhece que pode ter sucesso e fracassos, desse modo, a necessidade de admiração e reconhecimento vem acompanhada de conflitos e decepções por às vezes não ser correspondida. Nesse período a criança também é capaz de executar os movimentos motores com perfeição (BASTOS; DÉR, 2010).

A próxima fase do personalismo é a imitação. Segundo Wallon (2008) “O interesse da imitação é a contradição que ela obriga a resolver entre sua definição, em que está forçosamente incluída a imagem de um modelo [...]” (WALLON, 2008, p. 124). Nessa fase a criança entende que suas próprias qualidades já não são suficientes, assim passa a desejar a qualidade das pessoas que mais admira usando-as como modelo para criar personagens (BASTOS; DÉR, 2010).

5.4 Estágio Categorical

AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE HENRI WALLON

O estágio Categorical inicia-se aos seis anos de idade e vai até os onze anos. A consolidação da função simbólica e a diferenciação da personalidade adquiridas no estágio anterior trazem progressos para evolução mental nessa fase.

Amaral (2010) menciona que no estágio Categorical a criança continua a desenvolver suas capacidades motoras e afetivas, mas seu comportamento é determinado pelo desenvolvimento intelectual. A criança nesse período adquiriu um conhecimento mais integral de si mesma. Uma das características principais do estágio é a capacidade de autodisciplina mental: a atenção. Essa capacidade permite que ela fique mais atenta nas atividades de seu interesse.

O estágio categorial organiza uma nova estrutura mental, e esse período é marcado por dois momentos. O primeiro momento que compreende dos seis aos nove anos é denominado pré-categorial. Na fase pré-categorial o pensamento entre pares é a principal característica, pois é a base para o pensamento discursivo. Para Wallon (1989), “O pensamento existe apenas pelas estruturas que introduz nas coisas. Inicialmente, há estruturas muito elementares. O que é possível constatar, desde o início, é a existência de elementos que estão sempre aos pares” (WALLON, 1989, p. 30).

Assim sendo, ao iniciar a forma de pensamento a criança não consegue pensar em uma unidade de cada vez, uma situação só pode existir em relação ao outro, não consegue separar um elemento do outro. No pensamento por pares a criança não consegue separar os sistemas de relações, as noções de tempo e lugar, e nem distinguir fato e causa. A criança classifica os objetos de acordo com a relação que tem com eles (AMARAL, 2010).

O segundo momento, denominado categorial, vai dos nove aos onze anos de idade. Nesse período o pensamento da criança vai conseguir fazer a classificação e definição dos objetos e situações. Estabelecerá hierarquias nas operações mentais, que possibilitará estabelecer classificações do que é real. Nessa fase, toma conhecimento de si mesma e posiciona-se nas situações de conflito (AMARAL, 2010).

5.5 Estágio da Puberdade e da Adolescência

O estágio da Puberdade e da Adolescência inicia por volta dos onze anos. Essa é a última etapa identificada por Wallon, que separa a criança do adulto que ela se construirá. Esse é um período que ocorre mudanças fisiológicas e transformações corporais e psíquicas. Esse processo de mudanças levanta questões pessoais e morais, num resgate da afetividade (GALVÃO, 1995).

Nesse sentido, Wallon (1968) afirma que:

Entre as etapas anteriores e as que se lhe seguem, a que sempre reteve a atenção geral é a que corresponde à crise da puberdade, onde termina a infância, porque ela é precisamente uma crise de consciência e de reflexão. Mas é nos primeiros vislumbres da vida psíquica, no seu período afetivo, que se encontra a origem da evolução da pessoa (WALLON, 1968, p.215).

De acordo com Dér e Ferrari (2010) nesse período aparece a necessidade de reorganização corporal para se reajustar ao novo corpo. Nesse momento, o adolescente volta-se para dentro de si, e retoma as funções afetivas, as quais tornam muito intensas. Nessa fase, uma das principais características é a ambivalência de atitudes e sentimentos, que faz surgir à necessidade da conquista e da independência, de surpreender-se e se juntar a pessoas com os mesmos ideais.

Como vimos, na sequência dos estágios descritos por Wallon, cada período predomina uma alternância de atividades relacionadas a cada fase. A cada novo estágio é incorporado conquistas do estágio anterior, construindo-se um processo de integração e diferenciação. Assim sendo, os estágios só adquirem sentido através da sucessão de tempo entre um estágio e outro.

6. Contribuições da teoria de Wallon à educação

A teoria psicogenética de Henri Wallon traz valiosas contribuições para o âmbito educacional. Wallon não propõe uma teoria pedagógica, mas sua obra proporciona possibilidades de estudos sobre a educação. De acordo com seus textos, é possível fazer uma análise sobre a educação e o Projeto Langevin-Wallon, como também, fazer inferências a partir de sua psicogenética e da sua atuação como professor.

Segundo Almeida (2010) um dos mais importantes documentos que expõe o pensamento de Wallon sobre a educação escolar e sua relação com o desenvolvimento humano, é o Plano Langevin-Wallon. A intenção do Plano é uma escola que ofereça aos alunos uma base igualitária para os estudos futuros, que oportunize para as crianças e jovens o desenvolvimento integral e cultural, independentemente de sua origem.

Dessa forma, o Plano foi proposto com sucessão de ciclos, com classes separadas por idade das crianças, para acompanhar os estágios do desenvolvimento. Assim, a estrutura do sistema escolar francês se daria da seguinte forma: a Escola Maternal, não obrigatória, se inicia aos 3 anos de idade. O Primeiro Grau, dividido em três ciclos de estudo: 1º ciclo (7 a 11 anos) educação comum; 2º ciclo (11 a 15 anos) ciclo de orientação; 3º ciclo (15 a 18 anos) ciclo de determinação. O Segundo Grau, dividido em dois níveis: Ensino Propedêutico ou

AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE HENRI WALLON

Pré-Universitário; Ensino Superior com três funções: formação profissional, pesquisa e formação cultural (ALMEIDA, 2010).

A teoria de Wallon destaca a “psicogênese da pessoa completa”, ou seja, a criança deve ser compreendida de forma integral, em seus aspectos afetivos, biológicos, sociais e intelectuais. Na teoria de Wallon o desenvolvimento é caracterizado por estágios, sendo assim, para cada fase do desenvolvimento da criança, deve ser oferecido procedimentos pedagógicos de acordo com a idade, os quais devem ser diversificados, pois as formas de pensamento e afetividade mudam conforme cada estágio.

Nesse sentido, Almeida (2010) destaca três pontos importantes nas propostas de Wallon para a educação. Primeiro: a atuação da escola se dirige a pessoa por completo e deve oferecer meios para o desenvolvimento integral nas dimensões afetiva, cognitiva e motora. Segundo: a escola deve conhecer as capacidades e necessidades das crianças. Terceiro: o meio físico e social é essencial para o desenvolvimento da criança, por isso a escola precisa criar condições para essas possibilidades.

Wallon destaca que a psicogênese humana está ligada a duas condições, que são o orgânico e meio. Assim sendo, Galvão (1995) destaca que é através do meio que a criança aprende os recursos para desenvolver suas ações e ao mesmo tempo aplica o que foi aprendido. Dessa forma, é necessário que a escola planeje a estrutura do ambiente escolar para possibilitar a promoção do desenvolvimento da criança. Assim, não deve restringir o meio escolar somente a conteúdos, mas sim atingir várias dimensões que compõem o meio social.

Por fim, é notório o quão importante são as contribuições de Wallon para a educação. Para ele, a educação é o desenvolvimento das possibilidades de cada indivíduo. Suas obras deixam clara a relevância da escolarização para oferecer a criança o seu desenvolvimento por completo, numa prática que envolve os aspectos sociais e individuais. Nas suas propostas pedagógicas, Wallon sugere que a escola seja engajada, inserida na sociedade e na cultura, que reflita as dimensões sociopolíticas e seja atuante nas transformações da sociedade.

7. Conclusão

A teoria psicogenética de Wallon se tornou grandiosa e de extrema importância no âmbito da psicologia, da medicina e da pedagogia, visto que suas obras foram de grande valia para esses ramos científicos. Como médico, Wallon reuniu grande parte de suas ideias a partir de investigações clínicas.

Sua teoria tem como objetivo estudar e analisar a pessoa integralmente, nas perspectivas afetiva, cognitiva e motora, de forma integrada para possibilitar a observação de como se dá no decorrer do desenvolvimento a interdependência e o domínio desses conjuntos distintos. Para Wallon, o estudo da criança é essencial, dado que é nessa etapa primitiva do desenvolvimento que os processos psíquicos têm início.

Para Wallon o homem é um ser biológico e social, sua sobrevivência depende dos fatores orgânicos e sociais, inseparavelmente. Para ele, o desenvolvimento da criança inicia através da interação biológica com os fatores ambientais.

Wallon enfatiza em suas obras a afetividade como fator importante para a formação da personalidade do indivíduo. Para ele, a emoção é imprescindível na gênese da inteligência. Outro aspecto importante da teoria walloniana, é o papel da escola e do professor enquanto facilitador para o desenvolvimento psíquico, social e cultural da criança. O ambiente escolar é fator considerável para a construção do indivíduo enquanto pessoa na sociedade.

Por fim, é possível concluir que o homem humanista, Henri Wallon, contribuiu muito para o âmbito educacional. Ao analisar o estudo da criança de forma integral é relevante repensar as práticas pedagógicas no espaço escolar e a importância da afetividade na formação do sujeito. A escola é lugar de respeito às individualidades de cada um, bem como espaço para oferecer ensino, interação social e cultural para a formação do indivíduo.

Referências

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Wallon e a Educação. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2010. p. 71-87.

AMARAL, Suely Aparecida. Estágio Categorical. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2010. p. 51-56.

BASTOS, Alice Beatriz B. Iziq; DÉR, Leila Christina Simões. Estágio do personalismo. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2010. p. 39-49.

CERISARA, Ana Beatriz. A psicogenética de Wallon e a educação infantil. **Perspectiva**, Florianópolis, SC, v. 28, n. 15, p. 35-50, dez. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10629>. Acesso em: 21 abr. 2022.

AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE HENRI WALLON

COSTA, Lúcia Helena F. Mendonça. Estágio Sensório-Motor e Projetivo. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2010. p. 31-38.

DANTAS, Heloysa. A Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon. In: LATAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **PIAGET, VYGOTSKY, WALLON: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo, SP: Summus Editorial, 1992.

DAUTRO, Grazziany Moreira; LIMA, Welânio Guedes Maias de. A Teoria psicogenética de Wallon e sua aplicação na educação. In: V CONEDU, 5., 2018, Campina Grande. **Anais [...]** Campina Grande, PB : Realize, 2018. p. 1-12. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46160>. Acesso em: 11 abr. 2022.

DÉR, Leila Christina Simões; FERRARI, Shirley Costa. Estágio da Puberdade e da Adolescência. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2010. p. 59-70.

DUARTE, Márcia Pires; GULASSA, Maria Lúcia Carr Ribeiro. Estágio Impulsivo Emocional. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2010. p. 19-29.

FARIA, Daniela Rodrigues. **Contribuições da teoria psicogenética de Henri Wallon à Educação Infantil**. 2015. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/196533>. Acesso em: 20 abr. 2022.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004. p. 13-24.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). **Henri Wallon: psicologia educação**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2010.

NAUJORKS, Maria Inês. Henri Wallon: por uma teoria dialética na educação. **Educação Especial**, Rio Grande do Sul, v. 2000, n. 16, p. 51-58, abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5257>. Acesso em: 14 abr. 2022.

OLIVEIRA, Célia Viderman. Henri Wallon: o homem e a obra. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004. p. 141-148.

SANTANA, Deli Alves. **Campos funcionais wallonianos e arteterapia: perfeita simbiose**. 2010. 77 f. Monografia (Especialização) - Curso de Arteterapia em Educação e

ASSIS, L. A.; OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, A. O.

Saúde, Universidade Candido Mendes, Brasília, DF, 2010. Disponível em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/31311.pdf. Acesso em: 26 abr. 2022.

SANTOS, Elaine Gomes dos; LIMA, José Milton de. A ação pedagógica sob a perspectiva de Henri Wallon. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 15, n. 2, p. 340-348, abr. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2473>. Acesso em: 26 abr. 2022.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Tradução Ana Maria Bessa. Lisboa: Edições 70, 1968.

WALLON, Henri. **Objetivos e métodos da psicologia**. Tradução de Franco de Sousa. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. Tradução de Doris Sanches Pinheiro, Fernanda Alves Braga. São Paulo, SP: Manole, 1989.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

ZAZZO, René. Sobre a vida e a obra de Henri Wallon. In: WALLON, Henri. **Objetivos e métodos da psicologia**. Tradução de Franco de Sousa. Lisboa: Editorial Estampa, 1975. p. 9-13.